



A DISCRIMAÇÃO NAS ESCOLAS ATRAVÉS DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO PARA COM OS ALUNOS QUE DIVERGEM AO MODELO HETERONORMATIVO

Roberyka Tallyta Muniz de Sousa

Centro Universitário Vale do Ipojuca- UNIFAVIP/DeVry

roberykapsic@gmail.com

RESUMO: Dentro das escolas atualmente é muito comum o modelo heteronormativo sendo transmitidos por meio de profissionais da educação para os seus alunos instruindo ao modelo heterossexual e discriminando os Outros que não acompanha. Analisa através de uma revisão bibliográfica de como as escolas é uma das primeiras instituições a presenciar a discriminação a quem não consegue se enquadrar na normatização que ela própria impõe, portanto é preciso reconsiderar a educação brasileira. É preciso começar a transformar este modelo por intermédio dos cursos de graduações que formam os profissionais da educação, sendo discutidos temas sobre gênero, sexualidade, homofobia e Direitos Humanos, por exemplo, como temas necessários para ter conhecimentos e apreender mais sobre o sujeito e sua forma de ser no mundo. Verifica que as escolas brasileiras está antiquada a sociedade atual em relação a temas frequentes, é observado papéis pré-estabelecidos entre meninos e meninas desde muito precocemente, existindo apenas dois sexos, além disto, é considerado “a normal” perante a sociedade. Tendo um grande desafio a educação precisa reexaminar os modelos de profissionais da educação, tanto dentro das escolas como nas graduações, para que com a colaboração destes se possa constituir uma sociedade sem discriminações e mais democrática.

Palavras-chave: Discriminação, Escolas, Profissionais da Educação, Sexualidade, Gênero.

INTRODUÇÃO

Este presente artigo de revisão bibliográfica tem como um dos objetivos uma repercussão do modelo heteronormativo que a sociedade atualmente conserva e se tem poucos resultados diferentes de antigamente na educação brasileira. Sendo este um tema

por muitos esquecidos ou não concedido o necessário valor, sendo sua importância de ser discutidos principalmente dentro das escolas com os profissionais da educação.

Nas escolas é frequente a discriminação por intermédio de profissionais da educação por defenderem a heteronormatividade e sendo reforçados

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



cada vez mais por alunos que diz que ser hétero é ser “normal” e por conta disto se sente no direito de excluir e segregar o Outro que diverge deste modelo. A educação é um instrumento que deve ser usado para conduzir os meninos e meninas a ser cidadãos e respeitar as diferenças dos Outros, independente de seus valores, crenças e de sua cultura.

Apresenta como interesse não só de um público específico e sim de uma sociedade como um todo, pois o que se aprende dentro das escolas é conduzido perante toda a vida do sujeito, seja isto, positivo ou negativo e logo mais sendo repercutido em outras instituições da sociedade. Onde também existem alguns projetos do governo brasileiro para reverter este modelo, o problema está nesses projetos não serem executados com a devida frequência em todas as classes sociais e alcançar todos.

É preciso refletir tanto sobre o modelo da educação para meninos e meninas e principalmente através dos cursos de graduação na área de pedagogia e afins, para reformular este modelo que é normatizado e que para a atual sociedade é arcaica em alguns sentidos. Tem que ter como objetivo primeiro a diminuição e posteriormente uma anulação de variados tipos de discriminações nas escolas e de papéis pré-

estabelecidos de meninos e meninas.

A escola é uma instituição que deve respeitar todas as pessoas que delas fazem parte ou não, independente de gênero e sexualidade, e sim existir mais espaços para possíveis debates e discussões a respeito desta temática e de outras tantas que passa despercebida. Sendo de fundamental importância para a vida dos sujeitos que dela faz parte e com isto (re) construção de conhecimentos tanto de profissionais da educação como de alunos.

O projeto que existe com este objetivo tem que ser mais desenvolvido e se for o caso ampliado para que possa abranger todos os sujeitos que precisa ser alcançados. Independentemente de seus desejos e escolhas são seres humanos e tem todos os direitos de qualquer sujeito e não é uma questão de enquadrar, rotular e muito menos discriminalizar começando pelas as escolas e sim de acolher e compreender que não só existem dois sexos: masculinos e femininos, ou até que a heterossexualidade é indiscutível, saudável e melhor para todos os sujeitos, afinal quem sabe o que é melhor pra o Outro a não ser ele próprio, ser de desejos e ser no mundo independente de sexos.

METODOLOGIA

Segundo Costa e Souza (2013) definem



discriminação efetivada nas relações sociais, de diferentes formas como o pensar, através de desejos e/ou vontades de quem agem, omissas, entre outras ações que provocam o desrespeito aos direitos desses sujeitos ou grupos sociais. Onde se tem uma definição da normalidade e tudo que foge é discriminado e com isto, excluídos da sociedade de uma maneira violenta e cruel.

Cada vez mais sendo reforçados os lugares de meninos e meninas, estas devendo ser meigas, recatadas e gentis, ao contrário dos meninos devendo ser fortes e decididos, provando a sua virilidade. Observa-se um cômodo das escolas para a normatização desses sujeitos e para a heteronormatividade dos mesmos, para a igualdade de todos deixando de lado sua subjetividade e desejos (GESSER, OLTRAMARI, PANISSON 2015).

De acordo com Gesser, Oltramari e Panisson (2015) tendo uma visão de que a pedagogia nas escolas referentes à sexualidade e aos corpos direciona para as relações ao modelo heteronormativo. Os alunos e alunas sendo instruídos ao que é sadio e permitido, através do olhar, por exemplo, essa instituição, definindo o que deve ser uma conduta de meninos e meninas.

De acordo com Elian (apud MISKOUCI, 2011, p.55) o modelo heteronormativo estar presente tanto nos alunos como nos profissionais da educação, através de suas orientações. A sua colocação no ambiente escolar é feita de uma forma natural, onde a heteronormatização não é vista como uma maneira de discriminação e sim algo do corpo social.

Inicia nas escolas desde muito cedo os alunos a ter posições de diferenças e desigualdades, para com as pessoas que divergem do modelo da sociedade, sendo logo excluídos e repreendidos. São pré-estabelecidos os papéis de homens e mulheres como os pais, como também brincadeiras de menino e menina muito comum no contexto escolar a repressão com alguns de não querer seguir esta ordem, os livros de algumas matérias em algumas escolas usam personagens heterossexuais, como modelo de casais para a sociedade, está evoluindo neste cenário, sendo muito pouco para o avanço em comparação com tantas outras áreas que está ampliando no país (ELIAN, 2013).

Começam nas escolas alguns sinais de discriminações com alunos que não obedecem à normatização o dito “normal da sociedade”, por meio de inofensivas



piadas e brincadeiras (bullying homofóbicos, racistas, misoginias), vindas em sua maioria de alunos considerados masculinos hetero e tendo que defender este modelo da maneira mais desumana possível e aceitável tantos pelos outros alunos que cooperam com esta atitude como a própria escola (COSTA, SOUZA, 2013).

Sendo considerado que a normalidade é algo cultural, social, variando de lugares, costumes, vivências e muitos acreditam nesta verdade absoluta, discriminalizando tudo que é contrário conseqüentemente patologizando-os. A escola seria um ambiente de (re) construções de alguns pensamentos conservadores tanto antigamente como na atualidade (COSTA, SOUZA 2013).

Segundo Junqueira (2009) a heterossexualidade na sociedade atual é definida como um status de normalidade, de naturalidade, presentes em vários contextos da vida do sujeito (escola, família, mídia, medicina) afirmando que o sujeito nasce macho ou fêmea. Existindo apenas dois gêneros, masculino e feminino, sendo esta considerada a única forma de desejo existente, impondo ainda mais a questão da heteronormatividade, fugindo deste modelo, fogem à norma, tendo uma possibilidade de ser reeducado, reformado, em outras situações

mais freqüentes ser excluídos, ignorados ou mesmo punidos.

Segundo Junqueira (apud COSTA, SOUZA, 2013, p. 14) “ao logo de sua evolução, a escola brasileira se fundamentou a partir de pressupostos altamente valorativos, em que esse Outro-diferente de mim- seria o estranho, o inferior, o doente, o pecador, o pervertido ou o contagioso. Enfim, em termos de sexualidade e da experiência e vivência do próprio corpo, tudo aquilo (ou aquele) que não sintonizassem com o ideal normal de heterossexualidade – heteronormatividade- estaria à margem da normalidade”.

Os processos de discriminação surgem nas escolas em relações de preconceitos ligadas ao gênero, raça, violências, desrespeito, entre outros, chegando a demilitar os direitos humanos, tão defendidos na sociedade. Gerando muitas conseqüências graves, umas das principais é a desistência na escola e inserção no mercado de trabalho, em sua maioria de travestis, em virtude de serem vítimas de preconceitos e discriminação (COSTA, SOUZA, 2013).

Então entende que por mais que tente desconhecer a homossexualidade, dentro ou fora das escolas, nesse sentido é urgente a elaboração de projetos que abordem



questões relacionadas a identidades de gênero e sexuais são construções sociais e culturais, e não inatos, então propiciando novos “olhares” sobre sexualidade, masculinos e femininos (COSTA, SOUZA, 2013).

Aumenta no país o conhecimento do valor da educação sendo fundamental para combater situações de preconceito e discriminação e certificar o direito de todos nos diferentes campos sociais. Ao mesmo tempo em que a escola brasileira tem esta orientação, também estar inserida formas de opressão e desigualdades de vários tipos, em diferentes situações (JUNQUEIRA, 2009).

No Brasil foi criado em 2004 o programa “Brasil sem Homofobia” com o apoio da sociedade civil, procurou implantar políticas públicas para o enfrentamento à violência contra os homossexuais. Esta foi uma das conquistas do movimento LGBT, tendo como objetivo primeiro a garantia dos direitos de todos e todas as escola não ficou distante deste projeto, criando assim “Educação sem Homofobia”, “Escola sem Homofobia” e “Gênero e Diversidade nas Escolas”, tendo como objetivo a diminuição dos preconceitos dentro das escolas por meio de cursos para os profissionais da educação (ELIAN, 2013).

Na visão de Bortolini (2015) a experimentação sexual- gênero é um desenvolvimento que reflete sobre a construção do pessoal dos sujeitos e suas identidades, e se gênero e sexualidade é execução, um planejamento é visibilizar esse fazer que vá constituindo. Todas as pessoas de diferentes tipos de identidades, não sendo universal e muito menos sendo imposta, portanto as identidades é um processo social, pessoal e coletivo.

O discurso da sexualidade foi a partir do século XIX, falar sobre homossexualidade como um desejo e não uma prática produz certo incomodo na maioria dos profissionais de educação, sendo assim possível a qualquer pessoa, inclusive para si. Alguns defendem que aqueles já tenham um modo de agir, viver e pensar determinados, referindo ao homossexual por meio de estereótipos (BORTOLINI, 2015).

Existindo uma controvérsia de um lado programas a favor do discurso desse tema e outros tantos projetos que inibem o discurso, no objetivo de tentar fazer com que os sujeitos nem pare para pensar, falem e discutam a homossexualidade e muito menos a heterossexualidade. Como a sexualidade marca a construção de gênero, ligadas ao masculino e o feminino, o



interessante seria empregar em experiências pedagógicas que permitam a proximidade com múltiplas possibilidades de existências de gênero-sexualidade (BORTOLINI, 2015).

De acordo com Costa e Souza (apud JUNQUEIRA, 2009, p.14) que a escola tanto propaga e distribui conhecimento ao mesmo tempo em que retrata e perpetua padrões sociais, valores e normas. O primeiro passo a direção da desconstrução desse modelo, seria o reconhecimento do papel da educação como local historicamente disciplinador e normatizado, constituído o lugar mais difíceis de alguns sujeitos de assumir a sua identidade homo ou bissexual.

Há um erro dos profissionais da educação quando a temática homossexuais é discutida nas escolas, tendo como foco o sujeito homossexual, reafirmando mais o lugar do heterossexual como natural, normal, saudável, já que é da natureza humana não precisa ser questionada. Existindo cada vez mais diferenças gerando discriminação e preconceito, ao seu início e tendo conseqüências sérias tanto as pessoas que defendem intrinsecamente o modelo da heterossexualidade (BORTOLINI, 2015).

Como afirma Gesser, Oltramari e Panisson (2015) desde a segunda metade do

século XX, estar sendo fortalecida a equidade de direitos entre homens e mulheres, através de movimentos com os heterossexuais e componentes do LGBT, não estar só restrita as escolas se estendendo a outros campos sociais como: trabalho, família, saúde, segurança. Com o apoio desses movimentos se tem decorrido um pouco mais que antigamente na aceitação das diferentes sexualidades por professores e professoras, porém, é um processo que estar crescendo de maneira devagar no país.

RESULTADOS

Primeiramente têm que ser analisados alguns processos referentes à escola, como uma instituição que precisa urgentemente de uma reforma, no que diz respeito às questões de discriminalização o dito “normal” tão comum na linguagem dos brasileiros. E ao mesmo tempo tão excludente e preconceituosa em distintos temas, principalmente ligadas à questões de gênero (COSTA,SOUZA,2013).

Segundo Costa e Souza (2013) são necessário projetos que realmente sejam executados no sentido de diminuir a discriminação e o preconceito dentro das escolas. Propiciando novas reflexões para os profissionais da educação e sendo executadas tendo todo o apoio possível,



para que seja efetivado, construir nesses espaços priorizando outros valores que realmente venha a agregar novas formas de pensar e agir frente as distintas temáticas.

De acordo com Gesser, Oltramari e Panisson (2015) são comuns nas escolas e em outras instituições os papéis já pré-definidos de meninos e meninas, onde se algum deles fugir desse padrão, de imediato é observado com outros “olhares” e tratados diferentes dos demais. Os profissionais da educação em sua maioria desconhecem documentos que norteiam a prática nas salas de aula relacionadas a questões de gênero e sexualidade e a garantia de Direitos Humanos.

Na visão de Elian (2013) através de movimentos sociais como LGBT, se tem evoluído muito em relação à heteronormatividade, mesmo sendo muito freqüente na sociedade atual. Foram elaborados muitos outros projetos no Brasil tendo como objetivos, por exemplo, a discussão sobre homofobia tão vivenciada na sociedade e sem conhecimentos de tantos, a partir destas iniciativas terem a possibilidade de novas construções sobre a temática.

Para ser aceito na sociedade tem que estar nos padrões da mesma, o que são diferentes disto tem que ser ignorados, excluídos, punidos, reeducados,

para se enquadrar nas normas ditas e estabelecidas como “normais”, senão fica a margem da sociedade. Gerando muitas conseqüências para o sujeito que sofre com esta discriminação, defende que é também através da escola onde se inicia essas atitudes não só vindas de alunos mais também de profissionais da educação (JUNQUEIRA,2009).

Todos os sujeitos são diferentes, tendo a sua subjetividade, e com isto tem o direito de viver como desejam independente da heteronormatividade que a sociedade impõe, e isto tem que ser aceito nas escolas por uma questão das mesmas conhecerem o diferente e saber compreender e respeitar como sujeito independente de seu gênero e sexualidade e sim que tenham o entendimento de que são cidadãos e que tem direitos iguais a todos os outros que seguem os denominados “normais” na sociedade (BORTOLINI, 2015).

Na visão de Costa e Souza (2013) se tem avançado um pouco dentro das escolas, mais muito ainda tem que ser feito visto à quantidade de discriminação que acontece e seus danos em sua maioria irreversíveis. Tentando diminuir vista a vasta expansão com que tem acontecido na sociedade brasileira, e por inúmeros profissionais da educação não estarem tão motivados a



enxergar outras concepções e sendo mais fácil reproduzir o modelo arcaico onde o enquadramento é a forma de educar visto por esses de maior valor.

Dentro das escolas é comum entre os alunos comentários preconceituosos a respeito de gênero e sexualidade, vindas de outras instituições como a família, a mídia, a sociedade, portanto acabam que aderindo a certas atitudes que para muitos profissionais da educação são considerados como algo normal que sempre acontece na escola. Sendo a escola uma importante instituição na formação do sujeito e com isto, por meio dela sendo inseridos diálogos sobre sexualidade e temas relacionados, a educação é um importante instrumento na (re) construção a favor da sociedade que tem que aprender a incluir as diferenças (ELIAN, 2013).

É preciso um novo modelo de educação para o Brasil onde este ainda vive de formas muito arcaicas e com valores impróprios para a atual sociedade, para que no futuro tenham sujeitos cidadãos e que respeite as diferenças e os Direitos Humanos de todas as pessoas independentemente de gênero e sexualidade, por exemplo. Primeiramente é indispensável repensar, discutir, implantar dentro dos próprios cursos de graduação da área pedagógica e nas escolas, novos olhares, teorias, (re)

construções, sobre esta temática e tantas outras que a heteronormatividade estar enraizada (BORTOLINI, 2015).

DISCUSSÃO

Estar incluso nas escolas por meio de profissionais da educação um modelo de hierarquia que os alunos devem ser tratados de uma maneira universal, sendo deixada de lado sua individualidade (Bortolini, 2015). Passou-se de uma educação com os objetivos de tornar alunos em cidadãos mais críticos e com o direito de se expressar, há alunos que irão reproduzir o que aprenderam da heteronormatividade dentro das escolas, através de profissionais da educação e refletindo na sociedade e em tantas outras instituições o que aprenderam.

Inicia-se nas escolas o processo de discriminação dos ditos “normais” pelo modelo heteronormativo para com os ditos “a normais” com o único objetivo de que todos sejam iguais e enquadrados na sociedade (Junqueira, 2009). Onde esta mesma sociedade defende os Direitos Humanos a todos e todas as pessoas e o presenciaram totalmente ao contrário, por meio de uma instituição que tem como prioridade a “educação para todos”, definindo em várias maneiras, papéis de meninos e meninas desde muito



precocemente (Elian, 2013).

A princípio começa-se por intermédio de brincadeiras e piadas ditas inofensivas e normais para a idade dos alunos, sobre a percepção dos profissionais da educação que não ver como algo demasiado. Já que todas as escolas existem essas “brincadeiras” logo mais dando lugar as discriminações e preconceitos, tendo conseqüências muitas danosas (Costa e Souza, 2013). Devendo ser repensadas e discutidas o modelo atual das escolas e estas se enquadrando as necessidades dos alunos e não os alunos se enquadrando as suas normatizações.

No Brasil se tem caminhado para essa nova forma de transformar a educação que realmente seja acessível a todos e os ensinando o respeito às diferenças em diferentes aspectos e com prioridades das subjetividades dos alunos em princípio e não dos profissionais da educação (Costa e Souza, 2013). Através de alguns movimentos como o LGBT, por exemplo, se tem alcançados muitos resultados para uma sociedade que um tempo foi tão hierarquizado é um avanço intenso, mais comparado as ocorrências de discriminação é insuficiente para a atual sociedade.

Dentro de algumas escolas se tem discutido as questões relacionadas

a gênero e sexualidade na perspectiva para ser capaz de ampliar conhecimentos e compreender que o Outro, é imprescindível este assunto nas graduações da área de pedagogia, por exemplo, (Gesser, Oltramari e Panisson, 2015). Muitos profissionais da educação estão endurecidos quanto a essas questões seja por valores, crenças, por não aceitarem, entre tantos outros motivos, sendo só um de principal importância ver o Outro como um sujeito que tem desejos.

Uma das direções a ser percorrida é por meio dos profissionais da educação para que essas discriminações sejam diminuídas e chegar há ser anulada, propõe novas formas de educação tanto de graduações como das escolas, é uma união com o único objetivo que todos tenham os seus direitos sendo legitimados (Bortolini, 2015). Diminuindo a discriminação dentro das escolas outras instituições irão ser transformadas como a família, por exemplo, e todos os sujeitos só tem a ganhar com um país com menos discriminações e preconceitos e menos desigualdades, mais igualdades e respeito aos outros.

CONCLUSÃO

A discriminação nas escolas por meio de profissionais da educação é muito



freqüente nesses ambientes, sendo de fato refletivo na sociedade de uma maneira muito ativa e em sua maioria irreversíveis. No Brasil se tem raríssimos relatos de escolas que estão participando de uma maneira ativa nas discussões relacionadas a gênero e sexualidade, a igualdade de direitos, a escola deveria ser um ambiente de aprender há como respeitar o diferente da normatização, por exemplo, que a sociedade impõe de maneira autoritária.

A heteronormatividade é inserida nas escolas de uma maneira em que todos os alunos são tratados de forma generalizada e ligados por meio de suas definições do sexo biológico. Como são definidos entre brincadeiras e certos comportamentos de meninos e meninas, o que foge desses padrões é considerado excluído, estranho, através de brincadeiras e outras formas lesivas a integridade e a saúde do aluno que estar sendo vitimado, tendo a aprovação nítida da maioria dos profissionais da educação, onde os próprios defendem este modelo como único e adequado para todos os alunos.

A educação é um instrumento muito enriquecedor em todas as questões de controlar o sujeito, nas escolas tanto se aprende conhecimentos e há um crescimento intelectual como ao mesmo tempo pode ser prejudicial para toda uma vida. Na medida em que

impõe algo contrário aos seus direitos e desejos, é desvantajoso tanto para a área intelectual como para todas as áreas como ser humano, devendo a escola ser a primeira instituição a ensinar que como é importante respeitar o Outro e suas diferenças independente de cor, gênero, classe social, entre outros, este que pode ser diferente de você e nem por isso, ser insignificante.

Mesmo sendo criados muitos projetos com o objetivo de diminuir a discriminação de gênero e sexualidade nas escolas, há um grande bloqueio entre a diminuição desta e a mudança de certos modelos “normais” da sociedade. Através dos profissionais da educação que é mais fácil reproduzir o que aprendeu e vivenciou do que mudar todo um modelo que muitos não concordam de fato e há um modelo de hierarquia dentro das próprias instituições, portanto, um grande desafio a ser ultrapassado e com este desafio, tendo muito fatores positivos entre um é existir uma sociedade que alcance um país mais igualitário e digno para todos os habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLINI, Alexandre. **O sujeito homossexual como tema de aula: limites e oportunidades didáticas**. Cadernos Pagus, 2015. Disponível em: <



http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332015000200479&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 02 de abril de 2016.

COSTA, Vera L.dos V.; SOUZA, Norma S. **Violência escolar e homofobia: reflexões a respeito da diversidade.** Sociedade Universitária Redentor, 2013. Disponível em: <
https://www.posgraduacaoredentor.com.br/hidden/path_img/conteudo_54246c7cde6ce.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2016.

ELIAN, Isabella T. **A heterormatividade no ambiente escolar.** 2013. Disponível em <
http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/recursos/anais/20/1384968588_ARQUIVO_IsabellaTymburibaElian.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2016.

GESSER, Marivete; OLTRAMARI, Leandro C.; PANISSON, Gelson. **Docência e concepções de sexualidade na educação básica.** Psicologia & Sociedade, 2015. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n3/1807-0310-psoc-27-03-00558.pdf>>. Acesso em: 02 de abril de 2016.

JUNQUEIRA, Rogério D. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Coleção educação para todos, 2009. Disponível em <
http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/rep ositorio/39/diversidade_sexual_na_educacao_e_homofobia_nas_escolas.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2016.